

Theo Bial inaugura
parceria com
Roberto Menescal

PÁGINA 3



Locarno celebra
a atriz iraniana
Golshifteh Farahani

PÁGINA 4



Vinícola cria roteiro
de sabores, aromas
e paleontologia

PÁGINA 6



2º CADERNO

O MEDO RONDA O JORNALISMO

Jornalista João Paulo Saconi reúne em livro relatos de profissionais da imprensa que vivem sob ameaça

Por Affonso Nunes

A violência contra jornalistas no Brasil deixou de ser um fenômeno isolado para se tornar uma realidade sistemática que redefine os contornos da profissão. É essa transformação que João Paulo Saconi investiga em “Vocês da Imprensa”, obra que combina análise estatística rigorosa com relatos humanos devastadores sobre como o ofício de informar se converteu em atividade de risco. O livro, que chega às livrarias pela Editora Máquina de Livros e tem lançamento nesta quarta-feira (29), na Livraria da Travessa do Leblon, nasceu de uma experiência pessoal do autor com hostilidade, mas evoluiu para um retrato abrangente de um problema que transcende casos individuais.

A pesquisa ouviu 203 profissionais de todas as regiões brasileiras, revelando dados inéditos sobre a extensão e a natureza dos ataques sofridos pela categoria. Os números documentam uma escalada preocupante de agressões físicas, ameaças, linchamentos virtuais e tentativas sistemáticas de silenciamento

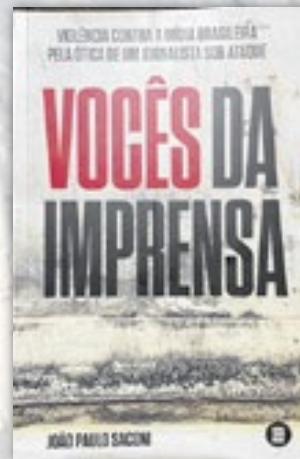
to que vêm redefinindo as condições de trabalho na imprensa.

O autor identifica nas jornadas de junho de 2013 um marco temporal crucial para compreender a intensificação desse fenômeno. Foi nesse período que Santiago Andrade, cinegrafista da Band, perdeu a vida durante a cobertura dos protestos, tornando-se símbolo trágico de uma

violência que se normalizaria nos anos seguintes. A partir desse episódio, Saconi traça uma linha temporal que conecta eventos políticos decisivos - das eleições de 2014 ao impeachment de Dilma Rousseff, culminando nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 - com o recrudescimento dos ataques contra profissionais de imprensa.

“O livro, porém, não se limita a estatísticas. O principal componente é humano, com histórias de jornalistas que morreram ou foram agredidos. Ouvi profissio-

nais bem-sucedidos que, mesmo assim, deixaram de circular nas ruas ou cogitaram se mudar para o exterior com medo do que poderia acontecer aqui com eles e suas famílias”, explica o autor na entrevista na página seguinte.



ENTREVISTA / JOÃO PAULO SACONI, JORNALISTA

‘Por trás de uma manchete, há um ser humano’

Bruno Mendonça/Divulgação



Você menciona que o livro nasce de um episódio pessoal de hostilidade no início da sua carreira. Que situação foi essa e como ela se conecta com o panorama mais amplo deste trabalho?

João Paulo Saconi - Foi uma reportagem publicada em 2019, que incomodou membros de um grupo político. Principalmente devido ao método, já que fui escalado para ser um repórter infiltrado num curso ministrado por uma pessoa do grupo. Como toda produção jornalística, a matéria era passível de críticas, mais duras ou menos. Faz parte do trabalho intelectual consumido pelo público. Mas as críticas se transformaram em ataques à honra, mensagens vexatórias e numerosas ameaças de morte. Me vi obrigado a mudar de endereço, de função no trabalho e até a andar disfarçado na rua, já que meu rosto estava amplamente exposto nas redes sociais. Olhando para o lado, vi que outros e outras colegas passavam por situações semelhantes. Resolvi pesquisar o fenômeno da violência contra a imprensa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde concluí um mestrado. A dissertação produzida na faculdade foi agora transformada no livro.

Qual foi o achado mais chocante que veio à tona a partir de seu trabalho de pesquisa?

Foi chocante perceber que jornalistas do Brasil vivem sob uma atmosfera de medo, como aquela que eu conheci em 2019. São profissionais submetidos, em maior ou menor grau, a agressões físicas e verbais; atentados e tentativas de assassinato; vazamento de dados; ataques cibernéticos e destruição de reputações, entre outras formas de ódio. De 1998 para cá, a Federação Nacional dos Jornalistas, que faz um excelente mapeamento anual desse fenômeno, catalogou mais de 3 mil casos contra profissionais da mídia. E 78% deles estavam concentrados na década iniciada em 2013, na qual me aprofundo no livro. É um sintoma de que o ódio tem sido uma temática frequente no ambiente jornalístico.

Você tem 29 anos, é um jovem repórter. Em algum momento imaginou que nós, profissionais da imprensa, passaríamos por situações desta natureza em pleno regime democrático?

As democracias não são perfeitas, nem aqui no Brasil e nem em nenhum lugar do mundo. Historiadores, filósofos, sociólogos e outros pesquisadores têm esse diagnóstico

melhor desenhado do que eu, jornalista. No meu campo, o que me coube foi entender o papel central do jornalismo nas democracias de hoje, permeadas pelas redes sociais. Busquei, então, a literatura do meu orientador, Muniz Sodré, emérito da UFRJ, a respeito do que o professor (e a professora Raquel Paiva, companheira de vida dele) chama de “sociedade incivil”. É essa forma social em que a população não se vê

representada nas instituições tradicionais, como a escola, a religião e a política. E, no meu campo, o jornalismo. Neste contexto, é perfeitamente possível que, mesmo numa democracia, profissionais da imprensa vivam experiências hostis. É claro, no entanto, que só fui adquirir essa compreensão graças ao estudo.

Você revela que a hostilidade altera como os jornalistas pensam pautas e coberturas, o que, na prática, é a autocensura. Como ela compromete a qualidade da informação que chega ao público?

Quem mostra que a violência afeta a cobertura da imprensa são os próprios jornalistas. Dos 203 que responderam à pesquisa, 39% afirmaram que deixaram de produzir pautas específicas ou de abordar determinados temas com medo de se tornarem vítimas (ou de as agressões se repetirem). É um prejuízo incalculável para leitores, espectadores e usuários da internet, uma vez que a matéria-prima do jornalismo é o interesse público. A pesquisa também mostra como há profissionais que se sentem inseguros quando portam os próprios crachás que os identificam como repórteres. Mais do que isso: jornalistas que sequer se sentem à vontade afirmando que são jornalistas.

Dos jornalistas perseguidos que você destaca notam-se nomes como os de Vera Magalhães, Patrícia Campos Mello, Raquel Landim, Natuza Nery, uma presença significativa de mulheres. A violência contra jornalistas tem recorte de gênero?

O gênero foi citado como pre-

ponderante para as agressões recebidas por quase 39% dos jornalistas que busquei na pesquisa. São, claro, respostas vindas de profissionais mulheres. Elas entenderam que, por serem representantes femininas da classe, se tornaram alvo daquela agressividade. O machismo também fica nítido quando as personagens vão aparecendo a cada capítulo do livro: das sete histórias que conto em profundidade, quatro são de mulheres. E as agressões destinadas a elas são misóginas, quase sempre. Comentários pejorativos com foco em tópicos físicos (a aparência delas, sobretudo) e até sexuais, com insinuações e montagens absolutamente mentirosas, fazem parte desse arsenal.

O título do livro reproduz uma expressão que revela como a sociedade vê os jornalistas como “uma parcela à parte do Brasil”, quase um fosso identitário. Como mudar isso?

“Vocês da imprensa” é uma expressão muito utilizada por personagens e pelo público do noticiário, como se a imprensa fosse uma exterioridade. Uma parcela à parte da sociedade. É a maneira que muita gente da política, em cargos de autoridade ou da militância, encontrou para se referir aos jornalistas como uma categoria à margem — inclusive dos direitos, que acabam livremente vilipendiados nos casos de ódio que conto no livro. Superar esse separatismo é um exercício coletivo. De nós, que produzimos e consumimos o noticiário, e podemos nos conscientizar de maneira aprofundada sobre a importância de valorizar o jornalismo profissional. E de quem, embora prefira fontes alternativas de notícias, se sente livre ao atacar a imprensa e seus profissionais. É preciso lembrar que, por trás de uma manchete, há um ser humano. Da mesma maneira que, na outra ponta dela, existe milhares de “alguéns” sendo impactados por uma publicação. E, claro, figuras que são retratadas naquelas páginas. A equação é complexa, mas pode ser solucionada com sensibilidade e respeito.

Unidos pela bossa

Theo Bial lança o single ‘Brisa Que Mora no Mar’, inaugurando uma parceria com o mestre Roberto Menescal

Por Affonso Nunes

O cantor e compositor Theo Bial acaba de lançar o single “Brisa Que Mora no Mar”, com as bênçãos de Roberto Menescal, seu mais novo parceiro. A chegada da faixa às plataformas digitais coincidiu com o último show da dupla ao lado da cantora nipobrasileira Lisa Ono no Blue Note Tokyo, encerran-



Theo Bial foi convidado por Menescal para participar de mais uma de suas turnês no Japão, onde o veterano músico tem imensa popularidade

do uma série histórica de apresentações que marcou a despedida de Menescal dos palcos japoneses.

A colaboração entre o jovem artista e o veterano compositor de 87 anos, um dos pais da bossa nova, nasceu de forma

espontânea. Menescal criou a melodia e convidou Theo para desenvolver a letra, resultando numa canção que dialoga com a tradição bossanovista e uma poética contemporânea. Bial conta que o processo criativo se estendeu por várias versões até chegar ao resultado final, que ambos consideraram o início de uma parceria promissora. Conhecido pela generosidade artística e por sempre buscar colaborações com novos talentos, Menescal encontrou em Theo um parceiro afinado com sua visão musical. “O Theo apareceu na minha vida, estamos nos tornando muito amigos, tocamos juntos e veio a ideia de fazermos uma música. Theo fez a letra para ‘A Brisa Que Mora no Mar’ e acredito que essa canção seja um estopim para muitas que ainda faremos”, emprega-se o veterano compositor, sempre às voltas com novos projetos. Para Theo Bial, a experiência representa um marco em sua carreira. “Fazer esse single com o Menescal é uma honra imensa, tive muito aprendizado no estúdio. Fiz várias versões da letra, a melodia que ele mandou é muito bonita. Pra mim é a realização de um sonho”, comenta o cantor, destacando a importância deste encontro musical.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Sem chance pra tristeza

Belo lançou uma versão inédita para “Bye Bye Tristeza”, clássico de Sandra de Sá, nas plataformas digitais. A regravação traz arranjos românticos e a interpretação característica do cantor. A música ganha clipe especial extraído do show “Belo in Concert”. O artista imprime sua identidade vocal ao sucesso que atravessa gerações, transformando a faixa em declaração de sentimentos com nova roupagem musical. A gravação original da cantora para o hit “Bye Bye Tristeza” é de 1989 no álbum “Sandra de Sá”.

Divulgação



Momento único

Sam Smith lança “To Be Free”, single acústico gravado ao vivo com violão e acompanhamento do The TwoCity Chorus. A canção, escrita há cinco anos, explora temas de vulnerabilidade e liberdade pessoal. O artista produziu a faixa com Simon Aldred em formato de apresentação única, sem edições. A música marca um momento de expressão pura do cantor britânico, que descreve a experiência como única em sua carreira. “Nunca tive uma experiência de gravação como a que tive ao fazer essa música, uma única gravação de voz e violão do início ao fim”, comemora.

Matheus Polimeno/Divulgação



Romance de verão

Com nova formação, a banda Canvas lança “Amanheceu”, single que retrata um romance de verão. O grupo agora conta com Nando Vegas (teclados), Enrico Minelli (voz), Fabio Yamamoto (guitarra), Will Oliveira (baixo) e Thiago Biasoli (bateria). A faixa foi produzida por Luiz Carlos Maluly em São Paulo. A canção aborda encontro à beira-mar e questiona clichês sobre amores passageiros de verão. Segundo o vocalista, a música celebra “encontrar o paraíso em alguém” e permanências afetivas que transcendem a temporada.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dirigida pelo badalado realizador francês Arnaud Desplechin em “The Thing That Hurts”, a atriz iraniana radicada na França Golshifteh Farahani segue indômita em seu processo de expansão multicultural, com trabalhos nas mais variadas línguas e nos mais distintos territórios, numa fricção profissional a ser contemplada com um troféu honorário no Festival de Locarno. No dia 6, na abertura de sua 78ª edição, a maratona cinéfila suíça vai contemplar a estrela nascida em Teerã, há 42 anos, com o Excellence Award Davide Campari. Durante o evento, seu trabalho mais recente - a mistura de body horror e melodrama “Alpha”, de Julie Ducournau, indicada à Palma de Ouro em Cannes - vai ganhar projeções abertas ao público.

“Tenho pelo Brasil um misto de curiosidade e de entusiasmo, sobretudo pela forma como vocês têm lidado com um turbilhão político que vem desde o golpe de 2016. Mas eu me baseio pelas reportagens que leio. Minha vivência de Irã é, certamente, bem distinta, mas também há um quinhão histórico de resistência política”, disse Golshifteh ao Correio da Manhã, em sua última visita à Berlinale, onde integrou o júri da disputa pelo Urso de Ouro. “Quem vem do Irã sofre com a opressão e a mordada do silêncio, mas somos um povo acostumado ao combate. Um dos motivos que me mantém trabalhando no universo da arte é a chance de mostrar às mulheres que podemos levar nossa voz pelo mundo, por meio do cinema. Incluo aí mulheres do meu país, oprimidas por uma intolerância milenar. O mundo em que vivemos tem uma coleção de intolerâncias das mais diversas. Tento imprimir leveza nos meus trabalhos de modo a rasgar esse véu de segregação”.



Cults como ‘Um Divã na Tunísia’ (2019) deram a Golshifteh Farahani uma visibilidade singular na seara indie

Diva de muitas terras... e telas

Ícone político da resiliência feminina, a atriz iraniana Golshifteh Farahani ganha troféu honorário no Festival de Locarno por seu investimento num cinema multicultural

Cults como “Paterson” (2016), “Filhas do Sol” (2018) e “Um Divã na Tunísia” (2019) deram a ela uma visibilidade singular na seara indie do audiovisual, nas mais variadas línguas. Foi num filme falado em curdo e persa, “Antes da Lua Cheia” (2006), que ela foi notada pelas câmeras e pela crítica. Três anos depois, protagonizou “Procurando Elly”, de Asghar Farhadi (hoje um dos mais aclamados diretores do Irã), consagrando-se com seu vasto fer-

ramental cênico.

“Golshifteh Farahani é uma figura fundamental do cinema contemporâneo”, diz Giona A. Nazzaro, curador de Locarno desde 2021. “Carismática e multifacetada, ela soube mergulhar em contextos e papéis muito diferentes, guiada por seu extraordinário talento e generosidade como artista. Ao longo dos anos, ela conseguiu alternar entre filmes de arte e blockbusters, infundindo em cada filme um novo aspecto de

sua personalidade. Homenagear Golshifteh Farahani significa celebrar uma artista extraordinária que deixou uma marca profunda nos olhos e nos corações de todos os amantes do cinema.”

Imortalizada na Netflix pelo thriller de ação “Resgate” (“Extraction”, 2020), fenômeno de audiência do streaming durante a pandemia, Golshifteh já filmou com Abbas Kiarostami (“Shirin”), Marjane Satrapi (“Frango Com Ameixa”), Ridley Scott (“Rede de Mentiras”), Rolland Joffé (“There Be Dragons”) e Rachid Bouchareb (“Simplesmente Uma Mulher”).

“Não quero ser mais uma profissional não americana à mercê de Hollywood que só pode viver terroristas ou vítimas do terror. Quero ir além e trabalhar onde eu possa fazer diferença”, disse a atriz ao Correio.

Este ano, Locarno vai homenagear as estrelas Lucy Liu, Emma Thompson e (o já citado) Jackie Chan, além da figurinista Milena Canonero e o diretor Alexander Payne. Em 2025, a competição pelo Leopardo dourado corre sob

o crivo do júri presidido pelo diretor cambojano Rithy Pahn. O Brasil entra na produção de um dos concorrentes mais esperados: “Dracula”, do romeno Radu Jude. O filme é produzido pela RT Features de Rodrigo Teixeira. Entre seus concorrentes, impõem respeito “Mektoub, My Love: Canto Due”, do franco-tunisiano Abdelatif Kechiche; “As Estações”, da portuguesa Maureen Fazendeiro; e “Dry Leaf”, do fabulador georgiano Alexandre Koberidze.

Uma das atrações mais esperadas de Locarno este ano é a nova versão (agora musical) de “O Beijo da Mulher Aranha”, o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco, interpretando o decorador Molina.

O homem-pássaro da Europa

Celebrado em Cannes e San Sebastián, o drama inglês 'Bird' internacionaliza a grife alemã do ator Franz Rogowski, com exibição assegurada no Rio no Mubi Fest, centrado no Estação NET

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Convocado para subir montanhas em "Cliffhanger", espécie de continuação tardia de "Risco Total" (1993), prevista para 2023, o alemão Franz Rogowski é um dos anzóis que o cinema europeu – seja lá de que país – usa para atrair plateias e angariar prestígio. É um mistério – que só pode ser solucionado em tela grande – a figura interpretada por ele em "Bird", um drama (geracional, social e afetivo) da inglesa Andrea Arnold, a ser exibido pelo Estação NET Rio no dia 2 de agosto. A sessão é parte do Mubi Fest Rio, que aproxima as telonas da cidade do streaming de curadoria humanizada. O www.mubi.com tem sempre coisa boa com Rogowski em sua grade.

Garanta seu ingresso para essa exibição o quanto antes, pois se trata de um dos filmes mais disputados desse festival, vitaminado por uma enxurrada de boas resenhas colecionadas em Cannes (onde disputou a Palma de Ouro em 2024) e San Sebastián. No ano



Franz Rogowski, muso do cinema alemão, tem atuação de gala em 'Bird', de Andrea Arnold

em que ganhou o troféu Carroça de Ouro da Quinzena de Cineastas, na Croisette, a prestigiada diretora de "Cow" (2021) assaltou olhares com esta trama sobre amadurecimento, construída em tons fabulares a partir das agruras de uma adolescente. A jovem Bailey, sem a devida atenção familiar, vai buscar amparo entre figuras excêntricas. Rogowski, hoje uma espécie de muso no Velho Mundo, encarna nesse filme a tradução plena da estranheza do mundo suburbano de Kent. É (mais) uma grande interpretação desse bailarino e ator alemão que se internacionaliza cada vez mais disputado por cineastas de toda a Europa.

O título recente de maior destaque de Rogowski está na MUBI: "Passages". Ele permaneceu semanas a fio nas salas de exibição brasileiras no papel de um cineasta em dúvida de seus sentimentos, dividido entre o marido



(Ben Whishaw) e uma namorada (Adèle Exarchopoulos). O roteiro do filme é do carioca Maurício Zacharias, rodado sob a direção de Ira Sachs. Rogowski tem duas outras produções de peso pela frente para este ano: "The Way Of The Wind", o longa de Terrence Malick sobre Jesus Cristo; e "Wizards!", de David Michôd.

"Sinto que o streaming nos abriu novas possibilidades de aces-

so aos filmes, mas continuo a ter o cinema, das salas, como proposta, acreditando em narrativas avessas a algoritmos, voltadas a dilemas humanos", disse o ator ao Correio da Manhã, via Zoom.

Contundente estudo sobre inadequações territoriais, "Bird" põe Rogowski numa fronteira do real com o imaginário. "Existe sempre algo de pessoal meu na maneira como os personagens são compostos, que vai pela minha percepção da raiva, do amor, da ternura, e que não se expressa por palavras, mas, sim, por gestos. Não tento jamais colorir uma atuação com algo que não tenho", diz Rogowski. "Escolho papéis de diretores cuja escrita de roteiro me desperte o olhar ou a curiosidade. Tenho recebido convites internacionais por conta da circulação de meus filmes alemães por festivais e pela MUBI, mas eu celebro o fato de a Alemanha não ter, hoje, um cinema que possa ser

rotulado sob um só ponto de vista, sob uma única tendência. Existe pluralidade e, nós, que construímos esse cinema, estamos atrás disso: da diversidade de vozes. É por meio do corpo que eu expresso a verdade dos personagens".

Suas coreografias afetivas se desenhavam de forma sutil em títulos como "Love Steaks" (2013), de Jakob Lass; o divertido "Nos Corredores" ("In The Aisles", Prêmio do Júri Ecumênico na Berlinale 2018); o sombrio "Luzifer", de Peter Brunner (uma das revelações do Festival de Locarno em 2021); e o drama de tintas LGBTQAPN+ vencedor do Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes, do ano passado: "Great Freedom", de Sebastian Meise. Esse último foi um dos títulos europeus mais elogiados na seleção da Croisette de 2021 e conquistou outros 19 prêmios com sua luta contra homofobia e sua aposta lúdica no amor romântico. Dá para vê-lo na MUBI.

"É um filme que escorrega de qualquer rótulo, como o grande cinema se propõe a ser", disse Rogowski, que recria, sob a batuta de Meise, um crime estatal de sua Alemanha natal: a criminalização da homoafetividade.

Encerrada só nos anos 1990, a política homofóbica da Alemanha é retratada por Meise a partir do pós-guerra, quando Hans Hofmann (papel de Franz) é repetidamente encarcerado por ser homossexual. A única relação estável na sua vida torna-se o seu companheiro de cela, Viktor (Georg Friedrich). O que começa com a repulsa transforma-se em uma paixão, que nasce silenciosa e violenta.

"Vazio é uma palavra que muda de sentido quando você a prende a extrair potência da quietude", diz Rogowski. "Trabalhávamos, Friedrich, Meise e eu, num espaço muito pequeno, referente a uma cela, pra expressar todo um universo de que os verbos não dão conta".

Além de "Bird", o Mubi Fest Rio vai mobilizar o Estação NET Rio nos dias 2 e 3 de agosto com inéditos como "Alpha", de Julie Ducournau, e "Sentimental Value", de Joachim Trier, revelados em Cannes, em maio.

Caverna que serviu de abrigo a animais gigantes do Pampa gaúcho vira roteiro enoturístico na Almadén

Por Affonso Nunes

Imagine descobrir que sua propriedade rural já foi point de animais pré-históricos. Foi exatamente isso que aconteceu com a equipe da vinícola Almadén, em Santana do Livramento (RS), quando encontrou uma paleotoca que funcionava como “residência de temporada” para preguiças e tatus gigantes há milhares de anos. A descoberta virou o mais inusitado roteiro de enoturismo da Campanha Gaúcha: uma expedição onde a tradição do vinho encontra vestígios arqueológicos.

A tal “Toca do Tigre” – nome que já sugeria aventura – ficou escondida por décadas até novembro de 2022, quando a curiosidade da equipe técnica da vinícola falou mais alto. Afinal, quem não se arisacria a investigar o interior de uma caverna misteriosa no meio do vinhedo? O resultado: uma caverna de 33 metros de extensão que serviu de lar para espécies que pesavam centenas de quilos.

O geólogo Serlecio Guilherme Pinz confirmou o que todos suspeitavam: ali viveram preguiças-gigantes dos gêneros *Lestodon* ou *Glossotherium* e tatus-gigantes da espécie *Pampatherium*. As marcas nas paredes contam histórias de uma época em que o Pampa era território desses gigantes que circulavam entre a região e a Patagônia.

A Expedição Vinotoca nasceu dessa descoberta e promete duas horas e meia de aventura regada aos bons vinhos da vinícola que hoje pertence ao Miolo Wine Group. O passeio começa no Museu Semente e segue a bordo do Pampeano, um micro-ônibus 4x4 que mais parece saído de um filme de safari. O veículo serpenteia pelos vinhedos de vitis viníferas mais antigos do Brasil até chegar ao deck construído espe-

cialmente para contemplar a entrada da caverna pré-histórica.

A estrutura foi pensada nos mínimos detalhes para preservar o ambiente – afinal, não é todo dia que se encontra um sítio arqueológico em seu quintal. Guias especializados acompanham o grupo, garantindo que a visita seja respeitosa com o ecossistema e educativa para quem quer entender melhor a fauna e flora do pampa. Placas espalha-

das pelo trajeto funcionam como um guia de campo, e com sorte os visitantes ainda podem cruzar com espécies nativas durante o percurso.

Depois de bater um papo com a pré-história, a expedição segue para a Guarita, bem no coração do vinhedo, onde os visitantes participam de uma degustação orientada de três vinhos produzidos ali mesmo. É o momento de brindar com os antigos moradores do local –

Um brinde pré-histórico

Fotos/Divulgação



Visitantes percorrem os vinhedos da Almadén na região da Campanha com direito a conhecer uma caverna pré-histórica descoberta na propriedade

que certamente aprovaram a ideia de transformar a região num point gastronômico. O roteiro inclui ainda uma parada no vinhedo Tannat Vinhas Velhas, na Quadra 40, que ostenta o título de mais antigo do Brasil em vitis viníferas.

Um mundo novo

Adriano Miolo, diretor superintendente da Miolo Wine Group, que administra a Almadén desde 2009, não esconde o entusiasmo com a novidade. “A paleontologia é um mundo novo para nós. Somos conhecedores da cultura do vinho e sempre harmonizamos as histórias e características de cada ambiente com as experiências que oferecemos”, explica. Para ele, este é o primeiro roteiro onde o visitante pode mergulhar de cabeça – literalmente – nos vinhedos da propriedade.

A Almadén não é novata no ramo. Com mais de 50 anos de Brasil, a vinícola coleciona pioneirismos: foi a primeira a usar tecnologia de aço inox e controle de temperatura na fermentação, introduziu a prensagem pneumática contínua e a colheita mecanizada no país. Seus 1.200 hectares abrigam 450 de vinhedos em produção e 350 de área de preservação – um verdadeiro santuário onde o passado e o presente se encontram.

O grand finale do dia acontece na cantina, seguido de uma paradinha estratégica no Free Shop – o primeiro do Brasil instalado numa vinícola – com preços 30% mais baixos graças à isenção de impostos.

A experiência representa uma revolução no enoturismo nacional, provando que vinho e educação ambiental formam uma dupla que merece todos os brindes.

SERVICO

EXPEDIÇÃO VINOTOCA

Vinícola Almadén - Santana do Livramento (RS)

Sábados e domingos, às 10h, ou mediante agendamento prévio, com limite de 20 pessoas

Agendamento: Plataforma Wine Locals

Valor: R\$ 180 por adulto e R\$ 90 (de 4 a 17 anos), com degustação de suco de uva

Mas há mais comida italiana

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

O Tutto Nhoque é daquelas descobertas que fazem a gente repensar tudo o que achava que sabia sobre nhoque. Sob o comando da chef Helena Murucci, a casa, que aposta em sabores italianos com toques brasileiros, surpreende do início ao fim, com pratos autorais, técnica refinada e um serviço que encanta pela agilidade e simpatia.

Logo nas entradas, o paladar é despertado com as Bruschettas Crudo al Tartufo, que combinam a intensidade do presunto de parma trufado com o sabor delicado do queijo gruyère. Já o Arancini Manzo — bolinho de risoto de ragu de carne de panela recheado com queijo gruyère e servido com aioli de alho assado — é de uma crocância perfeita por fora e cremosidade surpreendente por dentro.

Mas são os nhoques os verdadeiros protagonistas. Nada

CRÍTICA / RESTAURANTE / TUTTO NHOQUE
Tomás Vélez/Divulgação



Os nhoques são firmes, saborosos e textura perfeita

de massas aguadas ou com gosto de farinha: aqui, eles são firmes, saborosos e com texturas que revelam cuidado em cada preparo. Entre os favoritos está o Nonna Neide, combinação irresistível de costelinha suína, nhoque de aipim e cebolinha,

que traz rusticidade e sabor de comida de casa. Já o Nonna Adebias, com nhoque de batata baroa, molho de cogumelos e gorgonzola, é puro conforto.

Para o Dia da Lasanha, o destaque vai para a versão com costela bovina cozida lentamente na própria marinada, acompanhada de um delicado creme de queijo gruyère e finalizada com um toque crocante de panceta. Um prato que equilibra técnica, potência e carinho.

O vinho branco da casa merece elogios: leve, refrescante e perfeito para harmonizar com os sabores intensos da refeição. E para fechar com doçura e espetáculo, a pizza de chocolate, preparada na mesa, é puro entretenimento e sabor — impossível não sorrir.

O atendimento também merece nota máxima: equipe atenciosa, prestativa e com domínio do cardápio. O Tutto Nhoque é mais do que um restaurante, é uma experiência que une o melhor da Itália com a alma brasileira em cada detalhe.

SERVIÇO
TUTTO NHOQUE
BarraShopping: Entrada I, lj 129N. Diariamente, das 12h às 23h
Botafogo: Rua S. Clemente, 24. Diariamente, das 11h30 às 23h
Nova América: Av. Pastor Martin Luther King Jr., 126, 1º piso. Del Castilho. Diariamente, das 11h30 às 23h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Para o Dia da Lasanha

O Dia da Lasanha é comemorado nesta quarta-feira (29) e duas casas italianas do Rio de Janeiro são paradas obrigatórias para a data. No Leme, o restaurante Da Brambini serve a clássica lasanha à bolonhesa com massa caseira, em um ambiente intimista e acolhedor, decorado com peças vindas diretamente da Itália. Já a Capricciosa oferece a sofisticada Lasagna di Manzo, recheada com vitela, carne, presunto de Parma, shitake e funghi seco. A receita está disponível nas unidades do Jardim Botânico e de Ipanema.

Bruno de Lima/Divulgação



Nubra Fasari/Divulgação



Divulgação

Shots premiados

O Blue Blazer, instituto de mixologia e speakeasy localizado em Botafogo, promove, a partir de 30 de julho, sempre às quarta-feiras, o Bingo & Booze. A cada drink consumido, o cliente recebe uma cartela para participar do jogo, que distribui prêmios como shots, drinks autorais, descontos e até brindes temáticos. Com ambientação envolvente, marcada por luz âmbar e trilha de jazz, a noite é conduzida por um mestre de cerimônias inspirado nos anos 1920. Mistura coquetelaria com diversão, criando um novo ritual para os amantes de bares criativos.

Novidades na Tasca

O restaurante Tasca do Marquês, no BarraShopping, lança três promoções: almoço executivo completo com entrada, prato principal e sobremesa ou café por R\$ 78 (segunda a sexta, até 16h); jantar em dobro, com segundo prato grátis de domingo a quinta, após 19h; e happy hour com vinhos do renomado enólogo português Paulo Laureano (rótulos entre R\$ 54 a R\$ 84), com destaque para o blend alentejano Paulo Laureano Bigode, de segunda a quinta, das 17h às 20h. As ofertas celebram a culinária portuguesa, uma especialidade da casa.

Viajante

(primeira parte)

No finalzinho dos anos 1970 e nos idos entre os anos 1980 e 1990, quando estava à frente da área de comunicação de um player do segmento têxtil, viajava muito país afora. Passava a semana fora retornando às sextas-feiras. Para ‘ganhar tempo’, usava uma tática simples: chegar à capital do estado visitado e de lá percorria as cidades e os respectivos clientes. Eram muitos, de diferentes portes, com realidades absolutamente díspares, anseios específicos e sazonalidades ímpares. Fazia o que, à época, chamava-se fell the merchandising como forma de agregar a ‘voz’, da comunicação corporativa, como um todo.

Nessa trajetória, privei de pessoas incríveis, lugares encantadores, estradas paradisíacas. A natureza esplendorosa do Brasil aflorando a cada curva das estradas. Situações absolutamente curiosas como a fonte, na então, não pavimentada Rodovia do Aço, próximo a Santa Rita do Jacutinga, divisa de Minas Gerais com o Rio de Janeiro, em que havia uma torneira.

Conheci o seu João Boquinha, em Bom Jardim de Minas, cidade cativante, obviamente, mineira. Ele, naquele período, era o único carteiro de lá. Dividia seu tempo entre as entregas de correspondências e um pequeno restaurante, em parceria com sua esposa. Comida tipicamente mineira com um detalhe significativo: todos os insumos utilizados vinham de seu vasto quintal. Tudo colhido ali na hora, sem agrotóxicos, orgânicos, num momento em que essa palavra existia somente no Aurélio e no Houaiss. Nosssinhora!! Uma gostosura. Sempre marcava pouso na cidade para desfrutar da prosa com este ilustre cidadão, apreciar uma ‘marvada’ sob a luz das estrelas, com trilha sonora de moda de viola. Dormia sob o coaxar que vinha do brejo e o despertar dos sabiás-laranjeira aboletados num marmeleiro contíguo à janela da estalagem. Ano retrasado estive por lá visitando o velho amigo. Com a diferença de estarmos mais velhos e o João ter se aposentado, nos Correios, após 40 anos, como missivista, tudo estava como dantes no quartel-restaurante do João. Noite regada a Abacatinho, guaraná Mantiqueira e, é claro, uma pinga de primeiríssima, preparada em alambique próprio, envelhecida após várias filtrações. Uma fartura!

O canto dessa cidade é meu. Em Paraty – mar branco ou jazida do mar em tupi –, confesso; esta é minha terceira maior paixão cidadela. Paraty tem um quê de amor; um quê muito especial é musa-mulher fotográfica. Tem alma encantada, em ruas de pedras desalinhadas, casario ornado por eiras e beiras, maré alta, festas e mais festas – Flip, Festival de Bordadeiras, Fogaréu, Santos-Reis... Paraty-Mirim, Cepilho, Cachoeira do Escorrega, Vamos Nessa, Paratiana, Corisco... Uma festa! (continua...)

